MaDu Gaspar
Sheila Mendonça de Souza
(Organizadoras)

ABORDAGENS ESTRATÉGICAS EM SAMBAQUIS

FAPERJ
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Habilis
EDITORA

Erechim RS
2013

Há uma estrutura funerária em meu sambaqui...., Esse sambaqui é uma estrutura funerária!

Daniela Klokler[1] e MaDu Gaspar[2]

Parte integrante, praticamente inseparável da definição de sítios do tipo sambaqui, é a existência de esqueletos humanos, muitas vezes em grandes agrupamentos. Apesar da ubiquidade de sepultamentos nesses sítios, poucos pesquisadores voltaram-se com profundidade à análise das estruturas associadas aos esqueletos e ao entendimento de suas relações espaciais com outros contextos presentes nos sambaquis. A identificação de sambaquis que teriam sido usados exclusivamente como cemitérios, e até mesmo construídos através de repetidas cerimônias rituais, impõe a necessidade de aprofundar análises sobre os contextos associados a sepultamentos (Fish *et al.* 2000, Gaspar *et al.* 2011, Karl 2000, Klokler 2001, 2008, Klokler *et al.* 2009, Plens 2007, Silva 2005).

Considerados locais ideais para preservação de ossos humanos por terem matriz alcalina devido a abun-

[1] Daniela Klokler (dklokler@gmail.com) é graduada em História (Universidade de São Paulo), Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo e Doutora em Antropologia pela University of Arizona, e Visiting Scholar no Arizona State Museum-UofA. É pesquisadora colaboradora no Museu Nacional-UFRJ e atua na área de zooarqueologia de sambaquis.

[2] MaDu Gaspar (madugaspar@terra.com.br) é graduada em Ciências Sociais (Universidade Federal Fluminense), Mestre em Antropologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo, atua em pesquisa e ensino no Museu Nacional.

dância de conchas, os sambaquis sempre motivaram o interesse de bioarqueólogos (Gaspar 2004, e cap 7). Entretanto, e salvo poucas exceções, até recentemente pouca comunicação e interdisciplinaridade existiu entre arqueólogos e bioarqueólogos, no que se refere ao estudo de sambaquis, em especial no que diz respeito ao trabalho de campo. A evolução das duas disciplinas em relação aos estudos em sambaquis ocorreu de maneira bastante semelhante, mas em certo sentido, praticamente independente. No final da década de 1990, esse cenário começou a mudar, a partir de pesquisas individuais, do desenvolvimento deperspectivas mais abrangentes, e da elaboração de grandes projetos interdisciplinares. O surgimento de pesquisas integradas permitiu grande avanço na arqueologia de sambaquis, particularmente no que diz respeito ao entendimento de estruturas funerárias. Por sua vez o desenvolvimento cada vez maior das técnicas e métodos em bioarqueologia vem proporcionando resultados importantes sobre o modo de vida dos sambaquieiros, e com isso a obrigatoriedade de melhor integração entre as duas disciplinas desde as etapas de campo (caps 3, 7, 11, 13 e 14).

Essa realidade não é limitada aos estudos no Brasil. Ian Hodder fez o alerta em 1997 sobre distância existente entre os arqueólogos, que geralmente detém informações fundamentais acerca da contextualização dos sepultamentos, e os bioarqueólogos, que concentram informações essenciais para reconstrução de práticas funerárias. Manchester (1989) traz discussão similar em sua revisão da história da arqueologia funerária. Dufton e Fenwick (2012) também advertem que a falta de integração entre disciplinas, e a intensa pressão para publicações em curto espaço de tempo, limitam o aprofundamento das discussões sobre análises funerárias.

Em suma, por muitas décadas estudos funerários foram sinônimo de estudos dos esqueletos e artefatos diretamente associados. Recentemente os arqueólogos voltaram sua atenção para análises não só de materiais identificados como associados a sepultamentos, mas também para o estudo minucioso da cadeia de atividades funerárias (Pearce 1997, 1998), e da tafonomia enfatizando a compreensão de seus contextos e sucessão de depósitos ligados aos sepultamentos.

A análise da cadeia de atividades e processos pós-deposicionais associados ao estudo de contextos funerários fornece informações fundamentais sobre a organização social de populações humanas. Pesquisadores podem acessar ou inferir informações variadas sobre o indivíduo tais como: idade, sexo, origem geográfica, dieta, aspectos da saúde, status e afiliação social, condições físicas, entre outros. Através do estudo desses contextos é possível compreender e acessar dados sobre a sociedade à qual o indivíduo pertenceu, entre outros aspectos a demografia, economia, relações de poder, ideologia e religião. Em suma, a arqueologia derivada de lugares de deposição de mortos, é entendida e utilizada por pesquisadores como fonte inestimável para compreender a vida no passado.

Harke (2002) por outro lado, advoga que contextos mortuários são atualmente valorizados por arqueólogos em pesquisas interdisciplinares para aprofundar o conhecimento sobre atitudes de sociedades passadas relacionadas à morte. Desta maneira, representam uma mudança na perspectiva anterior, que entendia contextos funerários somente como fontes de dados sobre a vida no passado. Arqueólogos hoje em dia utilizam estes contextos para entender comportamentos e visões sobre a morte. A recente Arqueologia da Morte exibe trabalhos focados em aspectos como religião e ritual de sociedades passadas (Byrd e Monahan 1995, Chapman 2003, Joyce 2001).

Parker Pearson (2000:49) afirma de maneira acertada que "... arqueólogos não escavam funerais, apenas os depósitos resultantes de suas práticas finais" e o desafio para pesquisadores é decifrar os infinitos processos culturais e naturais que afetam os sítios arqueológicos para desta maneira resgatar informações sobre o **programa funerário** do grupo em estudo. Para alcançar o objetivo de pesquisar os comportamentos envolvidos no ritual para homenagear o(s) morto(s) é necessário entender todo o ciclo de atividades relacionadas ao programa funerário de grupos sambaquieiros, e não somente focar no sepultamento. Sambaquis são estruturas únicas que fornecem oportunidade para que se estudem diferentes aspectos da sequência de atividades envolvidas no sepultamento

e também os eventos relacionados às celebrações, homenagens e cumprimento de obrigações relacionadas com o luto. No caso de sambaquis identificados como monumentos memoriais, como foi considerado o Jabuticabeira II (Santa Catarina), e vem sendo proposto o Amourins (Rio de Janeiro), os sítios como um todo são interpretados como construídos a partir de celebrações fúnebres, componentes de longos rituais funerários.

A sequência de atividades desenroladas a partir da morte envolve ao menos duas sessões de atividades. As **atividades iniciais,** ou imediatas, englobam comportamentos que se seguem à morte em um curto espaço de tempo, e abrangem o processamento do corpo (lavar, adornar, embrulhar), o luto, a deposição do corpo, a reunião de familiares e pessoas associadas, os festins. As **atividades subsequentes** são aquelas que ocorrem após determinado período, que pode variar de meses até anos depois da morte. Estas servem para memorializar os mortos. Em alguns casos, incluem modificação, transporte, remoção de vestígios do corpo, funerais secundários, reunião de familiares e pessoas associadas, festins, construção de monumentos funerários, entre outros (Bloch e Parry 1982, Chesson 1999, Hertz 1960, Klokler 2008, Kuijt 1996, Metcalf e Huntington 1991, Parker Pearson 2000). Os dois conjuntos de atividades estão presentes nos sambaquis.

Ritual funerário em sambaquis: abordagens

O ritual funerário inclui vários aspectos materiais que podem ser acessados pela arqueologia. Porém, cabe considerar que vários elementos envolvidos não têm boa visibilidade, ou não estão acessíveis no registro arqueológico. Isso se dá por um lado em razão da natureza do processo de preservação de materiais, fatores pós-deposicionais diversos, mas também por motivos associados aos métodos de registro e recuperação utilizados em campo. Por exemplo, grande parte dos elementos orgânicos mais frágeis, tais como materiais vegetais não queimados, couros, ornamentos feitos com penas, se degradaram a ponto de não ser possível detectar sua

presença mesmo com uso de microscópios e análises químicas. Por outro lado, as dimensões das malhas das peneiras, e o uso ou não de flotação (caps 3, 9 e 10), mudam a probabilidade de recuperação de evidências mais frágeis ou de pequeno porte.

Uma abordagem que considere as "histórias de vida" de diferentes elementos da cultura material leva em conta a sequência de atividades pelas quais um elemento passa dentro do contexto sistêmico, como definido por Schiffer (1995), e também os efeitos causados por processos pós-deposicionais. A utilização do conceito de cadeias de atividades é importante, pois leva em consideração as características únicas (e possivelmente limitantes) do registro arqueológico, permitindo a inferência de aspectos das atividades, mesmo em contextos seriamente afetados por fatores tafonômicos. Permite a reprodução da sequência de ações relacionadas a cada atividade do ritual funerário e, também, investigar a realização de atividades em outros espaços que não o próprio sambaqui, tal como propõe Villagran (2008, 2010) quando demonstra que o sambaqui foi construído por depósitos primários e secundários, ou o registro do esqueleto articulado, indicativos da deposição primária do corpo e acompanhamentos próximos, e a construção da sua cobertura com material queimado em outro lugar e ali depositado.

Na linha de trabalho que entende sambaquis como artefatos são introduzidos estudos que analisam a construção dos sítios a partir de eventos interdependentes, preocupados em avaliar as sequências de deposição e redeposição de materiais (Gaspar e DeBlasis 1992). A arqueologia estratégica, através da análise de perfis (Gaspar, Klokler e Banchini cap 3) ampliou o acesso vertical ao arranjo espacial de estruturas, sua arquitetura e contextos, complementando a visão horizontal proporcionada por escavações, e favorecendo uma visão global dos sítios.

Os trabalhos desenvolvidos em Jabuticabeira II e Amourins, ao utilizarem a associação desses novos preceitos de análise, conseguiram alcançar maior detalhamento na interpretação da sequência de atividades relacionadas ao ritual funerário. Para isso é fundamental que pesquisadores tenham atenção redobrada para os contextos e

elementos diretamente associados aos sepultamentos e também aos contextos anteriores e posteriores à colocação do(s) corpo(s) ou de suas partes, sua localização, estruturas correlatas, entre outros, para que se possa efetivamente acessar a sequência de atividades desencadeadas a partir da morte de um membro do grupo.

Elementos para identificação de contextos funerários

As informações contidas em inúmeros estudos de caso permitem a identificação de certos elementos recorrentes associados ao contexto funerário, apresentados na Tabela 1 e descritos a seguir. Estes são úteis para alertar o escavador sobre a possível presença de um sepultamento antes do aparecimento de ossos humanos, assegurando que informações importantes sobre o ritual funerário não se percam durante os trabalhos de campo. Como o sepultamento é uma estrutura tridimensional e em alguns casos ultrapassa $3m^3$, estes indicadores podem preceder o surgimento de ossos humanos, tanto em abordagens verticais como horizontais.

Os elementos comumente encontrados em associação com sepultamentos em sambaquis incluem: **buracos de estaca**, **fogueiras**, ou **lentes enegrecidas** com grandes concentrações de carvões, **pacotes de cinzas**, **acumulações de vestígios de animais**, **agrupamentos de artefatos** líticos, ósseos e/ou malacológicos, **ocre**, **intrusões de sedimentos especiais, concentrações de conchas** e **de pedras**. Abaixo estão incluídos os elementos constituintes de contextos funerários mais recorrentemente descritos ou identificados em figuras e fotos na literatura, a listanãoesgota todos os elementos, componentes ou estruturas já encontrados em associação a sepultamentos.

Indicadores	Estudos onde estão descritos
Buracos de estaca	Carvalho 1984, Dias Jr. 1967a, 1967b, 1979, Emperaire e Laming 1956, Gaspar *et al.* 2011, Klokler 2001, 2008, Orssich e Orssich 1956, Prous 1992, Rohr 1967, Tiburtius e Bigarella 1960, Gaspar *et al.* 1994
Fogueiras ou lentes enegrecidas com carvões	Andreatta e Menezes 1968, Bigarella 1949, Carvalho 1984, Faria 1955, Fernandes 1955, Miller 1971, Klokler 2008, Kneip e Palestrini 1987, Andreatta e Menezes 1971, Prous 1992, Rauth 1968, 1969b, Rohr 1958, 1962, Tiburtius 1996, Uchoa 1973, Uchoa e Garcia 1976
Pacotes de cinzas	Gaspar e Klokler 2011, Hurt citado por Paz 1999, Orssich e Orssich 56, Rauth 1969a
Acumulações de vestígios de vertebrados	Andreatta e Menezes 1968, Beck 1972, Bigarella 1949, Bryan 1993, Emperaire e Laming 1956, Fernandes 1955, Garcia 1972, Gonzalez e Amenomori 2003, Klokler 2008a, 2008b, Kneip e Palestrini 1987, Palestrini 1964, Rath 1871, Rauth 1971, Rauth e Hurt 1960, Salles Cunha 1963, Schmitz *et al.* 1992, Silva 2001, 2005, Tenório 2003, Tiburtius 1996, Tiburtius e Bigarella 1960, Uchoa 1973, Uchoa e Garcia 1971, 1976
Agrupamentos de artefatos líticos, ósseos, malacológicos	Beck 1972, Belém 2012, Bigarella 1949, Carvalho 1984, Escórcio e Gaspar 2010, Gaspar *et al.* 2011, Emperaire e Laming 1956, Garcia 1972, Guidon e Palestrini 1962, Hering 2005, Hurt e Blasi 1960, Klokler 2008a, 2008b, Kneip e Palestrini 1987, Souza e Souza 1981-1982, Orssich 1954, Orssich e Orssich 56, Palestrini 1964, Plens 2007, Prous 1986/1990, Rath 1871, Rauth 1962, 1968, 1969a, 1971, 1974, Rauth e Hurt 1960, Rohr 1958, 1960, 1969, Salles Cunha 1963, Schmitz *et al.* 1992, Tenório 2003, Tiburtius 1960, 1996, Uchoa 1970, 1973, Uchoa e Garcia 1971
Ocre	Andreatta e Menezes 1968, Beck 1972, Bryan 1993, Emperaire e Laming 1956, Escórcio e Gaspar 2010, Fernandes 1955, Garcia 1972, Guimarães 2007, Klokler 2008, Menezes 1968, Andreatta e Menezes 1971, Palestrini 1964, Rauth 1962, 1974, Rohr 1983, Schmitz *et al.* 1992, Tiburtius 1996, Uchoa 1973, Wesolowski 1999
Concentrações de conchas	Escórcio e Gaspar 2010, Kneip *et al.* 1988, Plens 2007, 2009, Prous 1986/1990, Rauth 1962, 1969b, 1971 e Veronica Wesolowski (comunicação pessoal).
Acumulações de pedras ou líticos sem trabalho	Castro Faria 1955, Kneip e Palestrini 1987, Nishida 2007, Rodrigues-Carvalho *et al.* 2001, Tenório 2003, Tiburtius 1996, Uchoa 1973

Buracos de estaca podem ser identificados tanto em perfis quanto durante escavação horizontal. Em perfis as marcas de estaca são reconhecíveis por mudança na coloração em camadas ou lentes com formato em geral cônico podendo ter dimensões de largura e comprimento muito variáveis e preenchimento geralmente composto por sedimento pertencente à camada ou lente de onde se originam (Klokler 2001). O sedimento que está próximo à borda da estaca passa a ocupar o espaço vazio que surge a partir da retirada intencional ou decomposição natural do material da estaca. Buracos de estacas em aproximação horizontal são identificados por áreas circulares com sedimento menos compactado. A pouca compactação em relação às regiões vizinhas é resultante do preenchimento tardio do buraco após a retirada ou deterioração da madeira com sedimento. Essas estruturas também podem ser identificadas por mudanças na coloração do sedimento tanto durante escavações horizontais quanto em estudos de perfil. Em sítios em que o contraste entre camadas e lentes é tênue a delimitação das marcas de estaca pode ser observada em decorrência de mudanças na inclinação das conchas, que tendem a estar posicionadas em sentido vertical devido à acomodação das mesmas para permitir a entrada da estaca. Este é o caso da estratigrafia do sambaqui de Amourins. Adicionalmente, o preenchimento tardio do espaço por material faunístico pode resultar em conchas com posicionamento aleatório. Em certos casos, como no sambaqui da Ilha da Boa Vista I, material foi agregado para dar sustentação à estaca e percebe-se a presença de sedimento de coloração e composição diferente no entorno da marca (Gaspar *et al.* 1994, Guimarães *et al.* 1994). Marcas de estaca foram identificadas acima, ao lado e abaixo de sepultamentos, às vezes circundando os mesmos, grupos de esqueletos e fogueiras. A presença de buracos de estaca ao redor de sepultamentos individuais, grupos de sepultamentos e fogueiras indicam a construção de proteções contra animais, vento, chuva, ou mesmo de pequenas estruturas (Karl 2000, Klokler 2001, 2008). Nos sítios Jabuticabeira II (Fish *et al.* 2000, Klokler 2001), Amourins (Gaspar e Klokler 2011), Cabeçuda, Sernambetiba, Morro do Ouro (Tiburtius e Bigarella 1960) e Corondó (Carvalho 1984) buracos de estaca foram identificados em proximidade a sepultamentos. Estudos antracológicos indicam que algumas destas estacas podem ter sido feitas com madeiras especiais (Bianchini *et al.* 2007).

A análise de áreas funerárias indicou que o espaço de deposição do morto era preparado, consistindo em uma superfície relativamente aplainada, ou com leve inclinação. A observação de uma suave depressão de tamanho suficiente apenas para receber o corpo (Rauth 1962, Klokler 2008) pode ser resultado de uma preparação intencional, mas talvez decorra dos processos cadavéricos que causam discreta subsidência no lugar de deposição do corpo (Sheila Mendonça de Souza,comunicação pessoal). Tanto no perfil quanto nas superfícies horizontais escavadas é possível observar os sedimentos escurecidos acompanhando os contornos dos esqueletos, geralmente com formato retangular-ovalado, o que pode significar tanto a preparação do lugar de deposição, quanto parte dos efeitos de decomposição *in situ.* Neste último caso, o contorno tenderá a seguir anatomicamente o corpo, ao contrário de uma cova intencionalmente escavada no substrato, tal como discutem Souza, Wesolowski, Lessa e Rodrigues-Carvalho (cap 7).

Durante escavação de um sambaqui, muitas vezes, é possível suspeitar que o sepultamento está próximo quando há mudança na coloração e/ou textura do sedimento, formando intrusões de sedimentos especiais. Alguns autores descrevem a presença de areia envolvendo os corpos (Beck 1972, Castro Faria 1955), em outros casos a argila está exercendo essa função como no sambaqui do Moa (Imazio 2001, Rodrigues-Carvalho *et al.* 2001) e do Tarioba (Machado e Sene 2001), existe muita variação no sedimento encontrado imediatamente em proximidade com ossos, podendo ser também composto por grande quantidade de conchas fragmentadas que se sobressaem em meio ao sedimento terroso característico do sambaqui da Ilha da Boa Vista I (Veronica Wesolowski, comunicação pessoal). Em instâncias onde uma pequena depressão foi feita para depositar o morto o sedimento de preenchimento é geralmente representado por uma mistura dos componentes presentes nas camadas características do sítio em estudo. É, no entanto, importante levar em conta a ação de processos tafonômicos, já que a decomposição da matéria orgânica torna o sedimento próximo escuro e modificado. Os processos químicos envolvidos na decomposição também afetam as valvas de moluscos deixando-as com coloração amarelada ou

avermelhada (Klokler 2008). As mudanças de sonoridade do solo (mais vibrantes à percussão), pela proximidade de espaços menos densamente preenchidos, ou mesmo vazios, como o interior de crânios, também sinalizam a proximidade da estrutura funerária, tendo sido usados rotineiramente pelos arqueólogos da velha geração, como João Alfredo Rohr, embora não tenham sido publicados explicitamente (Sheila Mendonça de Souza comunicação pessoal).

Em perfis, fogueiras apresentam aspecto lenticular (retangular alongado ou oval) com centro mais espesso e terminações laterais finas. É geralmente possível perceber estratificação no interior da fogueira com presença de sucessão de lentes escurecidas com muitos carvões, material ósseo queimado e/ou carbonizado e cinzas. A presença de pacotes de cinzas, às vezes espessos, indica que fogueiras ficavam ativas por longos períodos de tempo (Klokler 2008, Rauth 1969a). Em sambaquis é freqüente encontrar sucessões de fogueiras, indicando a elaboração recorrente de fogos acima um do outro na mesma área, sendo estes conjuntos importantes indicadores das áreas funerárias em alguns sítios. Mais raramente apresentam-se delimitadas com pedras (Beck 1972, Castro Faria 1955), sendo importante tentar distinguir fogueiras com diferentes funções. Durante a escavação, fogueiras geralmente são reconhecidas como áreas circunscritas com formato circular ou oval em que o sedimento é mais escurecido, mais compacto e contendo poucas conchas e outros elementos faunísticos e artefatuais. Análise do sedimento de fogueiras das áreas funerárias do sambaqui Jabuticabeira II mostra que as mesmas contém poucos vestígios faunísticos, porém a composição é semelhante à das camadas circundantes (Klokler 2008b).

Fish *et al.* (2000), Karl (2000) e Klokler (2001, 2008b) demonstram a clara associação entre estruturas de fogueiras e sepultamentos em Jabuticabeira II. Em Sernambetiba (Heredia *et al.* 1980, Hurt citado por Paz 1999) e Amourins (Gaspar *et al.* 2011, Souza *et al.* submetido) também foi reconhecida a conexão entre estruturas de combustão e sepultamentos humanos, de maneira similar a Kneip e Palestrini (1987). Pesquisadores aludem tanto à identificação de fogueiras de pequeno porte, como a estruturas com aproximadamente 7m de diâmetro (Tiburtius 1966). A presença de estruturas

de combustão com características distintas sugere que fogueiras poderiam ter funções específicas: para cozimento, sinalização, ritual, cremação, entre outras. Por exemplo, em Amourins há fogueiras extensas, estratificadas, presentes logo abaixo de sepultamento, fogueiras com características semelhantes, mas de menor porte, e fogueiras pequenas, compostas basicamente por pacote de cinza em meio a lentes compactas de mariscos. Em um dos sepultamentos recuperados em Amourins o morto foi depositado logo acima de uma grande fogueira, e as cinzas foram encontradas aderidas aos ossos dos membros inferiores, embora não se trate de cremação (Souza *et al.* submetido).

Finalmente, é importante ressaltar diferenças entre fogueiras *in situ* e lentes enegrecidas com grande quantidade de carvões (por vezes muito pequenos) e material queimado. As últimas lentes contêm materiais que podem ter sido parte de uma fogueira, porém tiveram seus componentes transportados e redepositados, tal como discutido por Villagran (cap 5). Ou seja, as lentes enegrecidas são efetivamente depósitos secundários, enquanto as fogueiras são depósitos primários. Tal diferenciação é necessária para identificar elementos do ritual realizados em outros locais, quer seja em outra área do próprio sítio ou em outro assentameto. Lentes em geral não possuem estratificação interna, têm material desagregado, e na maior parte dos casos são extensas, podendo chegar a mais de 9m de comprimento, como observado em Sernambetiba.

Portanto, estruturas ligadas à combustão estão relacionadas ao programa funerário de distintas formas, podendo preceder e/ou suceder a deposição do corpo, ou mesmo terem sido acesas durante a deposição, podem ser identificadas diretamente associadas ao funeral, ou nas proximidades. Dependendo do ritual apresentam-se *in situ*, ou com seus componentes transportados e redepositados. De forma similar, de acordo com sua função podem conter diferentes materiais em seu conteúdo e ter características distintas.

Vestígios de cinzas são comumente encontrados esparsos nos sítios, porém concentrações formando pacotes ou bolsões estão usualmente localizadas em contextos mortuários. Cinzas muitas vezes podem ser confundidas com sedimentos finos de coloração

muito clara sendo necessária análise micromorfológica para confirmação em certos casos. Em sambaquis, as concentrações podem se assemelhar a lentes, ter formato circular ou oval, com material carbonizado e calcinado em seu interior como encontrado em Jabuticabeira II e Amourins (Gaspar e Klokler 2011).

As áreas funerárias em sambaquis são usualmente cobertas com quantidades maciças de moluscos, porém em alguns casos aglomerações de conchas são encontradas próximas de sepultamentos, como verificado por José Wilson Rauth nos sítios Saquarema e Ramal (1962 e 1971). Em 2012 durante intervenções de campo em Cabeçuda, acumulações semelhantes foram encontradas associadas a alguns sepultamentos. Como sambaquis são construídos com material faunístico, a identificação de concentrações especiais de restos de vertebrados ou invertebrados representa certo desafio para pesquisadores (ver Klokler cap 9). Esta diferenciação entre os materiais construtivos, refugo de dieta e vestígios associados ao ritual é possível durante o estudo de grandes perfis, escavações e pela análise zooarqueológica com a identificação da presença de arranjos espaciais que denotam uma deposição específica em agrupamentos de diversos tamanhos e mesmo de elementos articulados. Concentrações de ossos podem ser sinalizadas por mudanças na coloração das camadas e/ou lentes, e confirmadas pelo aumento expressivo de vestígios ósseos em espaço circunscrito. A presença de espécies diferentes, raras ou exóticas, também pode indicar possíveis depósitos rituais. No interior dessas acumulações podem ser encontrados esqueletos inteiros, ou parciais, em conexão anatômica, e até agrupamentos de moluscos da mesma espécie (às vezes colocados lado a lado, ou empilhados). Essas concentrações podem fazer parte de oferendas alimentícias feitas ao morto, ou depósitos ligados à realização de banquetes, e sua observação e registro dependem de evidenciação cuidadosa dos vestígios faunísticos (Klokler no prelo).

Análise de depósitos associados as áreas de sepultamento, com grandes concentrações de restos faunísticos, indicaram a elaboração de ricos festins funerários em Jabuticabeira II (Klokler 2008b). Estudo da coleção de materiais recuperados em Cabeçuda por Castro Faria também sugerem a deposição de restos de peixes

em associação com sepultamentos (Klokler 2010). Menezes e Andreatta (1971) referem-se a presença de concentração de ossos de peixe carbonizados em Guaraguaçu. Em Amourins análise zooarqueológica preliminar indica que o sedimento associado ao sepultamento contém conchas em menor porcentagem, enquanto a quantidade de ossos de peixe aumenta, sugerindo a elaboração de banquetes funerários por grupos sambaquieiros no Rio de Janeiro já por volta de 3500 anos (Gaspar e Klokler 2011). A camada funerária também contém esqueletos articulados de peixes, que evidenciam a deposição de peixes inteiros próximos a sepultamentos. Recentes escavações em Sernambetiba e Amourins evidenciaram a oferenda de porções de elasmobrânquios, indicadas por séries de vértebras articuladas, depositadas em proximidade a sepultamentos e, no segundo, foram encontradas valvas articuladas de *Lucina pectinata* que continham em seu interior ossos de peixe de grande porte e porções de esqueletos articuladas de pequenos peixes, e sua associação funerária pode sugerir que tenham sido utilizadas como recipientes para oferendas. Por outro lado, um arranjo similar, em que ossos e bivalves foram depositados dentro de valvas de lucinas, foi identificado por Emperaire e Laming (1956) como um possível instrumento sonoro, semelhante a uma castanhola.

A presença de artefatos malacológicos, líticos e/ou ósseos em contextos funerários pode ser derivada da deposição de objetos pessoais, feitura de oferendas ao morto, ou para demarcações de sepultamentos como descrito amplamente pela literatura. Artefatos líticos de grande porte são muitas vezes colocados em áreas próximas a sepultamentos ou em associação direta com ossos do morto. Agrupamentos de seixos foram identificados em associação com sepultamentos em Guaraguaçú (Andreatta e Menezes 1968) e Tenório (Uchoa 1973), enquanto em Ilhote do Leste grandes quantidades de machados foram recuperadas (Tenório 2003). Em Jabuticabeira II cerca de 80% dos artefatos líticos e ósseos foram recuperados em associação com sepultamentos ou em áreas funerárias (Belém 2012, Hering 2005, Klokler 2008b). No mesmo sítio, a maior parte dos indivíduos tinha lítico de grande porte depositado próximo à cabeça. Tiburtius e Bigarela (1960) descrevem a associação de zoólitos com um enterramento no sítio Morro do Ouro. Nos sítios de Amourins e

Sernambetiba praticamente 80% dos artefatos líticos polidos foram recuperados em contextos funerários, com destaque para o aumento na deposição de microlitos lascados e lascas de quartzo junto aos esqueletos, especialmente em Amourins (Gaspar e Klokler 2011) e Sernambetiba (Sheila Mendonça de Souza com. pes.).

O aumento na quantidade de artefatos ósseos também sugere a aproximação de contextos funerários. Kneip *et al.* (1988) descrevem concentrações de pontas e agulhas associadas a sepultamentos no sítio Beirada, enquanto o sítio Geribá I contém um indivíduo com acompanhamento de pontas ósseas (Tenório *et al.* 1990). Adornos, entretanto, são mais comumente encontrados em associação direta com o morto e podem ser constituídos por objetos pessoais ou oferendas. Em sambaquis, a maioria dos objetos de adorno é feita a partir de conchas de moluscos e dentes. No caso de serem oferendas, aumenta a possibilidade de que o material tenha sido depositado em área próxima ao corpo, e não diretamente sobre ele, como verificado no Cubatão I, em Joinville, onde contas de adorno concentram-se próximas aos esqueletos infantis. Portanto sugere-se atenção redobrada após a identificação de adornos (Sheila Mendonça de Souza com. pes.).

O aparecimento no perfil, ou durante escavação, de agrupamentos de material lítico não modificados também deve ser considerado como possível indicador da aproximação de contextos mortuários. Tais acumulações assemelham-se a marcação de locais de sepultamento e são identificadas por diversos pesquisadores: Castro Faria (1955) descreve a disposição de grandes blocos de pedra em associação com grupos de sepultamentos em Cabeçuda, assim como Cristina Tenório (2003) em Ilhote do Leste, e Kneip e Palestrini (1987) no Zé Espinho. Seixos são descritos em acumulações cobrindo covas rasas no sítio Tenório (Uchoa 1973).

Ocre, ou óxidos de ferro, estão entre materiais mais recorrentes em contextos mortuários, tendo sido recuperados inclusive em associação com enterramentos neandertais. Ocre é facilmente reconhecido por sua coloração avermelhada, ou laranja-avermelhado, sendo um marco funerário nos sambaquis, tal como destacado

por João Alfredo Rohr em diversos trabalhos (1960, 1962, 1969). Em sambaquis esse material é registrado na maioria dos sítios em diversas formas, como pequenos seixos (Garcia 1972), em forma de pó (Guimarães 2007, Schmitz *et al.* 1992) ou pintando ossos ou valvas de moluscos (Edwards *et al.*. 2001). Em um mesmo sítio podem ser encontradas deposições de ocre tanto pulverizado como em bastões e outras formas modeladas, como no Cubatão I (Wesolowski *et al.* 2011). Enquanto em alguns lugares a quase totalidade dos indivíduos têm acompanhamento de ocre, em outros a presença destes tipos de minerais ricos em óxido de ferro pode ter sido exclusiva para parte da população, mas como lembram Souza, Wesolowski, Lessa e Rodrigues-Carvalho (cap 7), a visualização do ocre, principalmente se pulverizado, pode variar muito em função dos processos tafonômicos subseqüentes ao enterro, e do tipo de substrato existente no sítio arqueológico.

Aproximação

Para evitar lacunas entre dados fornecidos pelos escavadores e a interpretação posterior, baseada também na análise laboratorial, é preciso muita atenção no processo de escavação e documentação contextual. Informações advindas do pesquisador que inicia a exposição das estruturas são importantes, e devem ser revisitadas após análises sedimentológicas, faunísticas, antracológicas e bioarqueológicas. Dufton e Fenwick (2012) alertam para o perigo de ignorar observações feitas pelo escavador, e sugerem que arqueólogos consultem recorrentemente os formulários de campo, efetuando revisões, adicionando impressões após estudos em laboratório. Salienta-se também a importância de dialogar com pesquisadores que trabalham em proximidade com a estrutura.

Os conteúdos e localização dos depósitos são as características mais comuns utilizadas para definir sua origem ritual, porém é a interpretação do contexto espacial e análise de processos tafonômicos que podem levar a definições mais precisas. O contexto de deposição é essencial para a caracterização da origem ritual de de-

pósitos (Seeman 1979, Wilson 1992). Escavações cuidadosamente controladas diminuem a perda de informações e facilitam a detecção de arranjos espaciais diferenciados nos depósitos.

Compreende-se aqui também que o ritual é parte integrante e indissociável do cotidiano, especialmente no que diz respeito às populações sambaquieiras, onde claramente tem-se um contínuo entre atividades cotidianas e sagradas (Gaspar 1995). Em sítios arqueológicos depósitos rituais também podem ser identificados pelo alto grau de padronização das ações geradoras dos mesmos (Klokler 2008b), e para isso é necessário investigar comparativamente a composição de contextos deposicionais intra-sítio. Frente a profusão de material faunístico típico de sambaquis, alguns espaços destacam-se em decorrência de sua organização particular relacionada com a concentração de elementos (buraco de estaca, marcas de fogueiras, pacotes de cinza, conjunto de artefatos, ocre e material faunístico concentrado e/ou articulado). São os indícios de atividades ritualísticas decorrentes de comportamento mais formalizado do que os que são típicos das atividades corriqueiras. A análise cuidadosa da estratigrafia, e também do contexto arqueológico ajudam no estabelecimento dos padrões de depósito estruturados (Hill 1996), possibilitando a identificação de depósitos rituais precursores do aparecimento de sepultamentos.

A partir de premissas apontadas pela literatura e pela experiência no desenvolvimento dos projetos mais recentes em sambaquis vem sendo possível identificar os elementos discutidos acima como indicadores de estruturas funerárias. A partir da detecção de um ou mais elementos, a equipe em campo pode preparar a documentação e exposição das estruturas de maneira mais adequada, visando maximizar a captura dos componentes que fazem parte da sequência funerária.

As ações mais importantes para os escavadores ao encontrarem-se defronte a elementos indicadores de contextos funerários é a cuidadosa observação e registro de dados, feitura de registros fotográficos adequados, elaboração de croquis e plantas sempre que necessário (ou quando houver mudança no contexto) e recuperação

de amostras diversas (zooarqueológica, sedimentológica, antracológica, microvestígios, entre outras). Outro cuidado importante é a continuação da recuperação de dados contextuais após a retirada e desmonte do sepultamento em si, para investigação do depósito onde o corpo foi colocado e identificação de preparações da área anteriores ao sepultamento.

Contextos funerários são importantes, pois fornecem aos arqueólogos a oportunidade de compreender visões sobre a vida e morte em sociedades passadas, e seu conteúdo pode revelar conceitos sobre a transição entre a vida e morte (Becker 1992). A cuidadosa análise da sequência de atividades contida no luto dos sambaquieiros tem o potencial de trazer aos pesquisadores novas perspectivas sobre esses grupos.